

MEMÓRIA E NATUREZA EM “O CEDRO DO LÍBANO”, CONTO DE ALBERTO RANGEL

Laís Quadros Rodrigues¹
Alessandra Fabrícia Conde da Silva²

Resumo: O conto “O cedro do Líbano”, de Alberto Rangel, publicado em *Sombras n’água*, em 1913, tem como personagem principal o sírio Jacob, filho de um cristão maronita, chamado, na Amazônia, de turco e de judeu. O imigrante sírio estabelecido na Amazônia, há mais de vinte anos, resolve visitar a sua terra natal. Saudoso da geografia e da flora da Síria, sobretudo da espécie do cedro libanês, originário de sua terra, Jacob resolve transplantar a muda da árvore para o solo amazônico. Este estudo tem como objetivo investigar a relação entre memória e natureza em “O cedro do Líbano”, conto de Alberto Rangel. Neste percurso, realizou-se um estudo sobre elementos da narrativa, como o espaço e a personagem, no conto de Rangel, a fim de compreender como a memória e a natureza dialogam. Para o desenvolvimento da pesquisa foram utilizados os estudos de Maria Esther Maciel (2004), Henrique Veltman (2005), Greg Garrard (2006), Samuel Benchimol (2008; 2009), Ana Pizarro (2012), Joel Candau (2016), Márcio Souza (2019), Alessandra Conde (2021), entre outros.

Palavras-Chave: Alberto Rangel; natureza e memória; Amazônia; “O cedro do Líbano”.

1. O cedro do imigrante sírio-libanês

No século XIX, a terra amazônica recebeu inúmeros imigrantes judeus. Segundo Samuel Benchimol (2008), a Amazônia foi concebida por muitos como Eldorado, ou seja, a referida região foi vista como fonte de riqueza, o que acabava por atrair muitos grupos de migrantes. Eles enxergavam tais terras como um lugar que lhes trariam riquezas e liberdade: “Durante esse período a Amazônia foi povoada, também, por grande número de portugueses, espanhóis, italianos, franceses, ingleses, alemães, além dos sírio-libaneses aqui chegados no final do século XIX” (Benchimol, 2009, p. 314). A Amazônia estava no auge da exploração do Ciclo da borracha, de maneira que a região foi reconhecida como um lugar propício para se estabelecer o ramo comercial, contribuindo para a vinda dos imigrantes. Dentre eles, estavam os sírio-libaneses. Muitos foram os motivos econômicos e religiosos que os conduziram para o solo amazônico. De acordo com Alessandra Conde (2021, p. 85), os judeus e os sírio-libaneses “fugiram da pobreza, perseguições, violências e falta de trabalho. E na Amazônia viram, na extração e comércio da borracha, um caminho para o sustento, além da liberdade de culto encontrada”. Marcio Sousa (2019) cita que no final do século XIX, com o crescimento da

¹ Discente do curso de Letras-Língua Portuguesa, Universidade Federal do Pará, campus Bragança. E-mail: lais.quadros.rodrigues@braganca.ufpa.br.

² Docente do curso de Letras-Língua Portuguesa, Universidade Federal do Pará, Campus Bragança – e-mail: afcs77@hotmail.com

economia do látex, homens e mulheres deixaram suas cidades como Balbeque, Ghazir, Dimen, Beirute, no Líbano, e Ayo, Hama e Damasco, na Síria, para reconstruir sua existência na Amazônia.

O conto “O cedro do Líbano”, de Alberto Rangel, publicado em *Sombras n'água*, retrata a história do sírio-libanês Jacob que, na região, ao adotar a profissão de regatão, recebe as alcunhas de turco e/ou de judeu, evocando as presenças de outros grupos de imigrantes.

A pesquisa tem como objetivo geral investigar a relação entre memória e identidade no referido conto, realizando uma investigação sobre o personagem e o espaço na narrativa. Além disso, busca depreender um estudo sobre a memória das coisas e a sua relação com a natureza, considerando ainda questões de identidade e da presença de imigrantes sírio-libaneses na região amazônica.

“O cedro do Líbano”, de Alberto Rangel, de *Sombras n'água*, é uma coletânea de contos publicada em 1913. Além de *Sombras n'água*, são de autoria de Rangel: *Inferno Verde* (1908), *Quando o Brasil amanhecia* (1915), *Livros de Figuras* (1920), *Dom Pedro I e a Marquesa de Santos* (1912), *Fura Mundo* (1922), *Lume e cinza* (1924), *Textos e pretextos* (1926), *Gastão de Orléans* (1935) e *A Educação do príncipe: esboço histórico e crítico sobre o ensino de D. Pedro II* (1945).

Rangel (1871-1945), natural de Recife, em 1876, muda-se para o Rio de Janeiro. Em 1887, inicia seus estudos superiores na Escola Militar da Praia Vermelha. Trabalhou como engenheiro militar para o governo do estado do Amazonas. Viajou para a Amazônia pela primeira vez em 1904 junto com Euclides da Cunha.

Na primeira parte do enredo do conto, numa extensão que abrange trinta e seis páginas, enfoca-se o personagem Jacob, um imigrante sírio, filho de um cristão maronita, referenciado na narrativa como turco e como judeu, termos usados para os imigrantes do Oriente Médio, que chegavam na Amazônia independente de sua nacionalidade.

Para Benchimol (2009), os judeus foram chamados de “turcos” na Amazônia, visto que provinham do Império Otomano, independentemente de sua nacionalidade ou religião. Lesser (2001 *apud* Porto, 2007, p. 423) diz que, “segundo um dito popular brasileiro, quando alguém chega do Oriente Médio, é turco. Depois de conseguir seu primeiro emprego fixo, ele se torna sírio. Ao se tornar proprietário de uma loja ou de uma fábrica, transforma-se em libanês”. Porto (2007, p. 423) ressalta que, para Lesser (2001), “tal confusão identitária levava ao embaralhamento de categorias étnicas. [...] ao passo que no Pará eles eram conhecidos como judeus”.

Tais usos aparecem no conto de Rangel. O personagem Jacob é identificado como turco: “o turco e a esposa regalavam-se de frescor e tranquilidade, vendo a malhada curraleira vir para a querencia, enquanto caía a noite e a lua subia” (Rangel, 1913, p. 267). E também é referenciado como “judeu”, como se pode perceber nas duas citações a seguir: “o ‘judeu’ esboçava vadiamente o projecto íntimo de viagem à terra do nascimento” (Rangel, 1913, p. 279); “o ‘judeu’ não se largou mais do pé da árvore patricia, que escondia o sol e fazia pequeninos os colossos das sumaumas” (Rangel, 1913, p. 295).

O uso das aspas em “judeu” indica não a identidade religiosa ou étnica, mas o rótulo atribuído pelo olhar externo, segundo a percepção da diferença cultural. Nesse sentido, a narrativa relata os percalços do processo de adaptação do personagem Jacob em solo amazônico, assim como evoca sentimentos do imigrante que são marcados pela melancolia, pois o personagem vive em um conflito entre os rastros de sua memória referente ao mundo deixado para trás e o mundo novo.

O personagem estabelece-se na Amazônia, como regatão, fazendo rotas pelos rios, comercializando seus produtos. Posteriormente, casa-se com a D. Seraphina, deixando a profissão e comprando uma fazenda. Com o decorrer dos anos, ele sente saudades da terra natal, tendo residido na Amazônia há mais de vinte anos, resolvendo visitá-la. Saudoso da geografia e da flora da Síria, sobretudo da espécie de planta nativa de seu país, o cedro do Líbano, Jacob resolve transplantar a muda da árvore para o solo amazônico: “[...] a planta da terra dos Patriarchas, transferida para servir de vínculo entre o emigrado e a Pátria” (Rangel, 1913, p. 296). De posse da mudinha desejada e após rever o lar ancestral, Jacob volta para a casa e para a esposa. Com o seu retorno, D. Seraphina passa a sofrer com os extremos delírios do esposo, referentes à tentativa de não conseguir cultivar a espécie nativa da Síria em solo amazônico. O cedro do Líbano mostra-se como uma conexão entre o saudoso Jacob e a cultura e a geografia libanesas deixadas anos atrás. É esta conexão que ocasiona o conflito do conto, manifestando questões sobre a imigração, identidade cultural e a relação entre o homem e a natureza.

Jacob, tal qual o seu homônimo bíblico, é um viajante, um homem dividido entre duas terras, o Líbano e a Amazônia. Jacó, o personagem bíblico do Antigo Testamento, carrega a ideia de peregrinação, deslocamento e busca de identidade. Jacó, na Bíblia, é o filho de Isaque e neto de Abraão, a quem Deus promete uma terra e uma descendência. Em Rangel, o cedro funciona como essa “terra simbólica”, um elo entre o passado e o presente. O personagem tenta recriar a sua terra ao transplantar o cedro do Líbano na Amazônia. Ou seja, para o Jacó bíblico, a terra é um sinal da aliança divina. E para o Jacob da narrativa de Rangel, o cedro é um sinal da memória e da identidade cultural, uma tentativa de manter viva a ligação com a pátria.

2. Entre a Amazônia e o Líbano: o espaço e o personagem Jacob no conto “O cedro do Líbano” de Alberto Rangel

O conto apresenta o personagem principal Jacob, “que por volta de 1863 tinha deixado a Syria que se dilacerava então em rusgas e matanças religiosas” (Rangel, 1913, p. 264). Jacob é o personagem principal do conto. De acordo com Franco Junior (2009, p. 38), o personagem principal é aquele cuja “ações são fundamentais para a constituição e o desenvolvimento do conflito dramático”. Franco Junior (2009, p. 38) ainda salienta que “as personagens são, portanto, representações dos seres que movimentam a narrativa por meio de suas ações e/ ou estados”. Quanto à classificação, por sua importância no conflito dramático, a personagem pode ser classificada como plano-tipo, “cuja identificação se dá, normalmente, por meio de determinada categoria social” (Franco Junior, 2009, p. 39). Este é o caso de Jacob, pois na narrativa ele apresenta características peculiares, assumindo uma determinada categoria social. Participante de um grupo étnico peculiar, é referenciado como imigrante sírio: “Jacob tinha no sangue de semita os dotes mais convenientes ao officio ingrato; a paciência e avidez dos filhos d’essas raças, castigadas no seu orgulho de vangloriosas” (Rangel, 1913, p. 264). Ele representa o tipo imigrante, recebendo ainda as alcunhas de turco e de judeu. Jacob é um personagem simbólico e representativo, pois ele encarna o drama da imigração, a saudade da terra natal e a busca por identidade e pertencimento. O cedro que ele tenta cultivar em solo amazônico é uma ligação com sua própria existência: uma raiz estrangeira tentando sobreviver em outra terra.

O conto “O cedro do Líbano” apresenta um narrador onisciente em terceira pessoa. Ou seja, ele não participa diretamente da história, mas tem total conhecimento dos pensamentos, sentimentos e ações das personagens. Segundo Franco Júnior (2009), o narrador é o principal operador de leitura da narrativa, pois é ele quem organiza o enredo, conduz a atenção do leitor e revela os conflitos dramáticos vividos pelos personagens. Nesse ponto de vista, o narrador realiza a mediação entre o leitor e o personagem Jacob, ressaltando os acontecimentos e sugerindo reflexões simbólicas sobre memória, natureza e identidade.

O espaço físico é descrito no conto como “uma fazenda que fica localizada à margem esquerda do Majary, no Rio Branco na Amazônia” (Rangel, 1913, p. 265).

Após se casar com D. Seraphina, filha caçula de um casal de caboclos obidenses, resolveu parar com a profissão de regatão. Sendo assim, adquiriu do ex-vaqueiro Sebastião Diniz uma fazenda, e com isso resolveu também vender seu barco, um “igarité”, que utilizava para a comercialização dos produtos navegando pelos rios amazônicos.

Segundo o narrador, um certo dia após Jacob refletir sobre sua vida e os perigos que já tinha passado referente à profissão de regatão, compra uma parte de uma terra para o serviço de pastoril. Ele não manifestou saudade de sua antiga profissão, já que tinha que fazer grandes percursos pelos portos comerciais existentes nos rios, enfrentando vários perigos no dia a dia. Jacob, como ocorreu com muitos imigrantes judeus e sírio-libaneses, adotou a profissão de regatão, tendo ainda uma loja de armário e um armazém de estivas. Benchimol (2009) ressalta que os sírio-libaneses repetiram a mesma carreira dos judeus sefaraditas do Marrocos, como regatões no interior ou prestamistas teco-teco e vendedores ambulantes em Belém e Manaus. Também Márcio Sousa (2019, p. 193) cita “que foram os sírio-libaneses que implementaram na região o sistema do crediário, trazendo para um mercado elitista a população pobre”, contribuindo para o crescimento do comércio na Amazônia, impulsionando a economia da região.

A narrativa revela o cotidiano do personagem, suas lembranças, a saudade da pátria e a tentativa de manter vivas as suas raízes através da muda do cedro. Assim, o leitor compreende que o cedro não é apenas uma planta, mas um símbolo de memória, fé e pertencimento. Dessa forma, o conto evidencia como o espaço estrangeiro é percebido como algo estranho e vazio, em contraste com as lembranças vivas da terra natal. Com isso, o espaço assume um papel simbólico, tornando-se um lugar de memória e de perda.

A “fazenda era constituída por seis léguas quadrados de campo, com capins bem pequenos, com uma casa bem espaçosa, algumas roças, galpão e curral” (Rangel, 1913, p. 267). Na fazenda, havia um canavial com uma engenhoca, um alambique (um equipamento usado na destilação de bebidas alcoólicas) já sofrendo oxidação. No conto, o narrador indica que na frente da varanda da casa tinha um jardim velho cercado por arames farpados que em poucos dias não tardaria a vingar: “os tajas, as roseiras, as cravinas, as espirradeiras, os manjericões e capim santo e entre outras” (Rangel, 1913, p. 268). Jacob e a esposa aproveitavam o clima, o silêncio e a tranquilidade da fazenda para apreciar o final da tardezinha para que no decorrer da noite observassem o surgimento da lua no alto Rio Branco. Enquanto isso, Jacob idealizava as lembranças de sua terra de origem e o desejo de retorno.

Certo dia, enquanto D. Seraphina organizava uns pés de maracujás, Jacob sentado em um banco no jardim pensava nos conflitos históricos de sua terra: “Pitando o cigarro de palha, o ‘judeu’ esboçava vadiamente o projecto íntimo de viagem à terra do nascimento” (Rangel, 1913, p. 280). As recordações da terra natal ocorriam costumeiramente de tardezinha, enquanto observavam o voo de uma ave em direção a sua terra: “Compusera-se-lhe talvez essa ideia, na

ocasião, contemplando o vôo de um tambuiaíá, transpondo alto, pela calma, o céu dormente e turquezinho da tarde” (Rangel, 1913, p. 280).

O narrador ainda relata: “pendurava-se aos remígios da ave, em direitura ao nordeste, no mesmo rumo da Síria amada, um milhar de recordações dos primeiros anos” (Rangel, 1913, p. 280). Jacob observa o voo de um pássaro, que voa em sentido a sua terra. Essa imagem funciona como uma metáfora da saudade, mostrando, assim, o desejo de retorno.

Diante disso, é exposto que Jacob lembra-se da Síria, de suas paisagens e memórias de sua infância. Ele pensa em lugares simbólicos, como Baalbeck, Sannino e Carmelo (Rangel 1913). Fazendo, assim, uma analogia do passado cheio de memórias com o presente de solidão, que reforça o sentimento de deslocamento cultural e emocional, haja visto que a Amazônia representa o espaço simbólico da Síria/Líbano, a terra natal de Jacob. Essa duplicidade revela o contraste entre o espaço vivido e o espaço lembrado.

Jacob, após pensar na Síria, fala para sua esposa que

seu sonho seria também voltar a eles, um dia que fosse, para avivar n’esse contacto fugitivo lembranças da terra que lhe ouvira os primeiros vagidos e lhe deixara na alma tanta impressão deliciosa e immorredoura de infância (Rangel, 1913, p. 281).

D. Seraphina, sabendo do conflito emocional que todos os dias observava em seu esposo em relação a sua pátria, responde a ele:

- Pois, bem, vae! Respondeu a D. Seraphina meiga e complacente. Confiava na dedicação do marido; estava cert a que não a abandonaria. Algumas lágrimas acompanharam o assentimento da mulher para aplacar o golpe da ausência (Rangel, 1913, p. 281).

Diante disso, Jacob comunica à esposa a sua decisão. Ela se surpreende, mas não o impede, pois compreende a necessidade desse desejo interior. Jacob segue, com o consentimento da mulher, para a terra natal: “Jacob descera o rio, largifluo na cheia, desentalado do leito aberto no sombrio apisoado das planuras” (Rangel, 1913, p. 281). Por fim, a narrativa mostra Jacob descendo o rio Marary, num cenário escuro e melancólico, mostrando o início da viagem simbólica do personagem, em busca de reconectar-se com o passado e sua identidade.

O conto “O cedro do Líbano” refere os rios amazônicos como via de transporte, atendendo rotas comerciais que geravam economia para a região amazônica. Ana Pizarro (2012, p. 177) referencia que “o transporte tradicional da região é a navegação fluvial, praticamente a principal até os anos 1960, quando ocorre uma reconfiguração da cartografia interna com a

entrada da empresa nacional e internacional, além da construção de grandes estradas inter amazônicas”. Em decorrência do acesso por vias fluviais, as margens dos rios foram os lugares de formação de vilarejos, pois, de acordo com Ana Pizarro (2012), a Amazônia foi ocupada pelas margens dos rios e seus afluentes.

Essa dinâmica também está presente no conto “O cedro do Líbano”, em que o rio surge não apenas como meio de transporte, mas como elemento que estrutura a vida, o comércio e a cultura local, revelando sua centralidade na construção do espaço amazônico.

3. A memória das coisas e a identidade cultural em “O cedro do Líbano”

A relação afetiva entre a pequena muda transplantada em um vaso, com destino à Amazônia, e o personagem Jacob, leva-nos a considerar como se dá a configuração das memórias evocadas pelas coisas, conforme se vê no referido conto de Rangel. Além disso, é preciso levar em conta as memórias ativas, que evocam lembranças e identidade étnica. Jacob queria uma muda de cedro para se lembrar da terra natal e da sua identidade de imigrante na Amazônia. Segundo Candau (2016, p. 16),

a memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa.

É assim que objetos ou coisas, como uma muda de cedro, evocam memória e identidade ao mesmo tempo. O drama de Jacob, saudoso da terra natal, e desejoso de ter um pouco da sua terra no novo território, é o que move o conto de Rangel. No espaço amazônico, o personagem e suas evocações de memória e de identidade, buscam aproximar duas geografias, ou melhor, uma pequena parte da flora libanesa a ser transplantada na Amazônia.

O narrador destaca que a peregrinação à sua terra tinha um objetivo: contemplar “os cedros”. Saiu da Amazônia para rever essa espécie nativa que evocava lembranças e a identidade cultural. Certo dia, Jacob realizou uma caminhada no meio dos cedros observando todos os detalhes da natureza. E no meio da caminhada avista de longe a casa de um velho poeta chamado “Scheik”.

No conto, o poeta pede que Jacob leve um exemplar do cedro libanês para a Amazônia. Esse homem passava o tempo compondo versos em sua língua de origem, isto é, em árabe. É relatado no conto que o poeta se encontrava sentado sobre um brocado de almofada de onde ele recitava seus poemas, enquanto acariciava a longa barba prateada, de onde parecia extrair ainda mais sonoridade às suas palavras.

A sugestão de Scheik, referente a levar uma muda da árvore para a Amazônia, poderia servir como conforto para a saudade que Jacob sentia de sua referida terra. Dessa forma, o personagem encontraria um pouco de alívio ao ter algo que lembrasse sua pátria.

O narrador conta que por intermédio de uma autoridade local, referenciada na obra como um juiz de paz que tinha fama de intervir nas disputas da região, a muda da árvore chegou até Jacob, que esperava em Beirute a navegação de retorno. A muda foi entregue junto com versos escritos em um pergaminho. E Jacob planejava plantar o cedro em frente à sua casa, como um mecanismo de lembrança e também de distração.

Talvez, como afirma o conto, o cedro nunca chegasse a crescer muito no ambiente amazônico, mas daria para acompanhar o desabrochar dos primeiros brotos da planta, iluminado pela luz do sol: “Com certeza, o ‘judeu’ não chegaria a vê-lo esparralhar os ramos para os lados, por sobre o campo e o xerimbabo, entre as grotas, os cabeços e espigões dos montes; mas, assistiria ao lento desabrochar dos primeiros brotos, embriagados na luz fecundadora do sol americano” (Rangel, 1913, p. 290).

O narrador se interroga se a planta “acclimar-se-ia o originário das cimalthas de uma penedia, visitada pelos gelos, na varga queiamante de um confluente do Amazonas?” (Rangel, 1913, p. 290), preocupando-se se uma árvore das montanhas geladas do Líbano conseguiria adaptar-se às margens quentes de um rio amazônico. Enquanto isso, o sírio encarava longas viagens e na embarcação, durante o retorno, manteve todos os cuidados necessários para garantir que a muda chegasse em segurança até o destino. Infelizmente, na viagem de retorno, a realidade climática começou a afetar a pequena planta, deixando-a frágil, não demorando por sucumbir em território amazônico.

Nessa perspectiva, o cedro plantado morre por não suportar o clima úmido da região amazônica, além da longa viagem, evocando a relação da árvore com a dificuldade do imigrante de adaptar-se ao novo espaço.

Apesar do personagem ver as condições em que se encontrava a planta, Jacob insistia em acreditar que ela iria sobreviver. Era como se ainda enxergasse sinais de vitalidade onde não havia mais. Dona Seraphina não se cansava de mostrar ao marido o seu engano. Mas Jacob se irritava e com isso ela preferiu não o contrariar. Dessa forma, o personagem, tomado pelo zelo de um amor quase doentio, não abandonava o cedro. Dona Seraphina não encontrava meios de chamar o personagem à realidade: “Horas a fio, o turco, tomado do zelo de maniaco amoroso, não abandonava o cedro que se reduzira a uma haste única, insignificante, espetada na terra prompta a devorar-lhe os restos” (Rangel, 1913, p. 293).

Em seu delírio, Jacob olhava para outra espécie de planta nativa da Amazônia e pensava que seria o cedro do Líbano. Imaginava a árvore grande, a sua ramagem tomando conta do bioma amazônico, ou seja, toda a região coberta pelos cedros libaneses: “- Olhem como elle deita as ramas. Que maravilha! É immenso, maior que todos os da minha terra! Não vêem? Lindo! Lindo! A sua ramagem toma todo o céu” (Rangel, 1913, p. 295).

Inebriado pelo engano e pelo desvario, “o ‘judeu’ não se largou mais do pé da arvore patricia, que escondia o sol e fazia pequeninos os colossos das sumaúmas” (Rangel, 1913, p. 295). D. Seraphina, angustiada por ver o esposo em constante estado de delírio, decide mandar cortar a árvore que ele idealizava ser o cedro do Líbano. No entanto, a tentativa de trazê-lo de volta à realidade não adiantou, pois Jacob passa a se abrigar sob outra árvore da região amazônica, continuando a imaginar que se tratava da planta sagrada de seu país natal.

Seu estado de delírio, causado por um aneurisma cerebral, se intensificou até o ponto em que ele não consegue mais distinguir passado e presente. A narrativa finaliza de forma simbólica e trágica com a morte de Jacob provocada pela ruptura do aneurisma, justamente no local onde havia plantado um cedro trazido de sua terra (Rangel, 1913). O desfecho reforça a força da memória na construção da identidade, bem como a impossibilidade de ruptura total com as raízes afetivas e culturais de origem. Nesse viés, Uriarte (2022, p. 227) cita que

as obras de Rangel representam tentativas malsucedidas de possessão e fundação, simbolizadas pela impossibilidade do retorno à casa. Algumas vezes a despossessão final das personagens caboclas é compensada por uma fusão com a natureza post-mortem, elemento que também aparece como central na ideia de morte de muitas religiões.

No entanto, a espécie nativa de seu país representava uma maneira de manter viva as suas raízes em solo amazônico. Era um mecanismo de aproximação com o lugar que um dia ele teve que deixar em razão dos conflitos, uma realidade dos imigrantes. A saudade que ele sentia não era somente do lugar, mas de sua cultura e de sua identidade.

Segundo Castro (1985), acredita-se que a palavra saudade tenha origem árabe “saudah”, palavra que expressa um sentimento de sofrimento, marcado por melancolia, tristeza e dor interior. Botelho e Teixeira (1986) afirmam que a saudade é um sentimento essencial e profundo, de natureza espiritual, que surge do interior da pessoa e revela a dimensão mais íntima e sensível da alma humana. Dessa forma, a saudade não é um sentimento simples, ela faz parte da essência humana. Um sentimento que não pode ser explicado totalmente nem reduzido a outra emoção, pois está presente desde o princípio da existência humana. Botelho e Teixeira (1986, p. 308) comentam que “ter saudade exigirá um complemento”. Quem tem

saudades, tem-nas de alguma coisa. De algo que já foi e que se desejaria reviver, até para viver melhor”. Ou seja, o autor ressalta que a saudade é um sentimento voltado para o passado e significa sentir falta de algo ou alguém que existiu e deixou uma marca afetiva.

Entretanto, no conto “O cedro do Líbano”, o cedro é muito mais que uma árvore: ele é símbolo da memória, das origens e do vínculo com o passado. A narrativa reflete sobre a separação da terra natal, as lembranças e o sentimento de perda, o que dialoga diretamente com o conceito de saudade. Os autores argumentam que a vivência da saudade “[...] implica uma viva aspiração de companhia. O homem não sente a solidão quando não está só - o que sente é a saudade” (Botelho e Teixeira, 1986, p. 266). Ou seja, a saudade é uma presença ausente, algo que está dentro de nós. Assim como o ser humano sente falta de algo que marcou sua existência, a árvore representa a nostalgia das raízes, um elo espiritual com o passado. A espécie da planta simboliza a alma que não se desprende do que ama, mostrando que a saudade é também memória e resistência.

De acordo com Candau (2016, p. 15), “a memória nos dará esta ilusão: o que passou não está definitivamente inacessível, pois é possível fazê-lo reviver graças à lembrança”. A narrativa evoca o movimento que os imigrantes fizeram historicamente ao redor do mundo, ou seja, esses imigrantes que saíram de suas terras, devido a vários fatores sociais, econômicos e religiosos, e trouxeram experiências vividas e costumes, contribuindo para o desenvolvimento da Amazônia, além de mostrar os desafios no processo de adaptação desses cidadãos, na região, ressaltando os sentimentos e as marcas que essas pessoas sofreram no processo de migração. De acordo com Maciel (2004, p. 13),

nesse caso, a experiência e a memória têm como registro a exterioridade sensível de tudo o que materialmente as definem e as consome, como se só as coisas pudessem pendurar para além de nosso esquecimento e nossa precariedade.

É mediante as memórias que Jacob revive os momentos de sua vivência em sua terra natal, revelando que o protagonista está em constante processo de busca por si. Essa dinâmica evidencia os desafios de adaptação enfrentados pelo personagem diante da nova realidade amazônica. Como aponta Candau (2016), a memória pode ameaçar, perturbar e até arruinar o sentimento de identidade, sobretudo quando está associada a traumas, perdas e deslocamentos. No caso de Jacob, as lembranças de sua terra e do cedro funcionam simultaneamente como um consolo e como um lembrete do que foi deixado para trás, intensificando a complexidade de sua identidade enquanto imigrante. A narrativa, portanto, retrata não apenas o enfrentamento

de um novo espaço geográfico e cultural, mas também um confronto íntimo com as camadas da memória e da identidade em constante reconstrução.

Nesse sentido, o espaço literário é moldado por sentimentos e memória do personagem, contribuindo, assim, para a construção melancólica do respectivo papel na narrativa. Candau (2016, p. 9) salienta que “reconhecer que a memória é, acima de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado”. Da mesma forma, o autor continua relatando que “a dialética da memória, e da identidade que se conjuga, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa” (Candau 2016, p. 16). Ou seja, a forma de Jacob lembrar os costumes de sua terra são mecanismos de compreender seu local de pertencimento dentro do novo território ao qual veio viver. Embora os imigrantes não sejam capazes de recuperar o que perderam ao deixarem seu país, esta verdade imaginativa proporciona a sensação de pertencimento, uma vez que eles criam um lugar novo em sua memória onde se sentem pertencentes.

No conto “O cedro do Líbano”, Jacob é um personagem que demonstra, de forma intensa, a saudade de uma espécie de árvore nativa de sua terra de origem, realizando uma profunda ligação afetiva e simbólica com a natureza. Sua relação com a natureza revela traços de sua personalidade, resistência e fragilidade.

Para ele, a memória das coisas é, sobretudo, a lembrança do que essa planta representa: um símbolo de grandeza, força, proteção e conexão com sua terra, haja vista que o cedro carrega marcas históricas e ideológicas, funcionando, assim, como um elo vivo com o passado, que já não existe fisicamente. Ou seja, é um mecanismo que permite trazer o passado para o presente e de manter viva a identidade cultural apesar do deslocamento geográfico. Ao cultivar o cedro, Jacob o transforma em um objeto-memória, reunindo lembranças e experiências por meio de dois mundos: o Líbano e a Amazônia. Nesse sentido, a natureza deixa de ser apenas cenário e assume um papel ativo na construção da identidade do personagem. A consciência dessa perda transforma não apenas o espaço físico ao redor do personagem, mas também sua paisagem emocional por meio da sua identidade. A luta da muda do cedro tentando resistir no solo amazônico representa a própria condição do imigrante, de manter suas origens mesmo em um ambiente diferente de sua realidade.

Dessa forma, o conto de Rangel permite a reflexão de que a natureza e os objetos podem guardar e transmitir memórias, tornando-se fundamentais na preservação da identidade cultural. O cedro, como marca de pertencimento, revela que a memória não está apenas no indivíduo, mas também nas coisas e na relação que se estabelece entre sujeito, objeto e ambiente.

O conto em estudo estabelece uma relação entre literatura e meio ambiente ao mostrar como a natureza é representada na narrativa. O personagem Jacob se refere ao cedro do Líbano como uma natureza idealizada, símbolo de pertencimento, sentimentos e valores ligados à memória de sua terra natal.

Esses aspectos ecoam a classificação do que Greg Garrard (2006) intitula de modo pastoral, isto é, uma representação literária que idealizava a natureza como um lugar de refúgio em contraste com o mundo moderno. Garrard (2006) ressalta que habitar vai além de ocupar um espaço. Habitar é cultivar uma relação de cuidado, respeito e pertencimento com o lugar. Nessa perspectiva, a natureza no conto é considerada como um lugar estável, harmonioso, funcionando como um refúgio contra as mudanças modernas. Garrard (2006) salienta que as tradições greco-romanas e judaico-cristãs viam a natureza como um sistema equilibrado e criado por Deus. Isto é, o personagem por ser um sírio, filho de um cristão maronita, tinha a natureza como elemento criado por Deus e digna de ser respeitada, tendo os seres humanos como defensores desse recurso. A relação do personagem Jacob com a natureza liga-se à ideia de “elegia pastoral”, que, de acordo com Garrard (2006, p. 60), “volta o olhar para um passado desaparecido com sentimento de saudade”. Nessa perspectiva, verifica-se a lamentação pela perda de um recurso natural, que faz parte do ambiente, em um tom melancólico.

Garrard (2006) ainda aponta que a forma como o ser humano se relaciona com a natureza pode ser entendida de duas maneiras, a saber, de forma alienada e reflexiva. No conto, essa realidade acontece primeiramente de forma idealizada como um espaço majestoso, ou seja, com uma ideia reflexiva. No entanto, essa natureza é destruída pela ação humana que age de forma alienada e predatória, sem respeitar a complexidade ecológica. Nesse sentido, Antônio R. Esteves (2007), referente ao verbete “El Dorado”, presente no *Dicionário de figuras e mitos literários das Américas*, organizado por Zilá Bernd (2007), discute sobre o mito do “El Dorado” como uma construção simbólica criada pelo imaginário europeu durante o período das grandes navegações e da colonização, evocando a idealização de riquezas infinitas. Dessa maneira, Esteves (2007) destaca que a Amazônia também foi alvo desse olhar mitificado, sendo muitas vezes representada como um espaço misterioso, abundante em ouro e especiarias. A floresta era idealizada como um espaço a ser explorado dentro da lógica colonial.

Esteves (2017) analisa a origem e o uso da expressão “inferno verde” para designar a região amazônica no período da exploração da borracha. O referido autor ainda cita que “foi no período áureo da exploração da borracha que surge, no âmbito da literatura brasileira, a expressão ‘inferno verde’ aplicada à região” (Esteves 2007, p. 341). Destacando ainda que o provável criador dessa expressão tenha sido Euclides da Cunha, após sua viagem à Amazônia

no início do século XX, quando atuou como chefe da Comissão de Reconhecimento do Alto Purus, encarregada de definir as fronteiras entre Brasil e Peru.

O conto permite que o leitor desloque o olhar para a natureza, vendo-a não sobre o prisma da exploração, mas da convivência respeitosa e afetiva:

O problema é que uma grande parte da humanidade acredita que se pode fazer qualquer coisa com as plantas, mesmo que isso ameace as espécies vegetais e estejamos agindo de forma arbitrária. Visto que, aparentemente, elas não percebem nada, não sentem, nem pensam, tudo pode ser feito visando apenas nosso bem-estar e nosso enriquecimento (Nascimento, 2021, p. 67).

Nesse sentido, Nascimento (2021) reforça a ideia de que algumas pessoas têm o pensamento de que as plantas não possuem valor próprio e, portanto, podem ser usadas livremente pelos seres humanos. Por isso, acham que não há problema em explorá-las, mesmo que isso cause danos ao equilíbrio ambiental.

Uma vez que a Amazônia foi marcada em seus contextos históricos por intensas explorações voltadas ao lucro, bem como durante o Ciclo da borracha, esse processo de exploração resultou em diversas consequências ambientais negativas, tais como a derrubada de extensas áreas de floresta para a construção de estradas, a degradação ambiental e a destruição de habitats. A valorização que Jacob demonstrava pelo cedro de sua terra natal representa a importância do equilíbrio ambiental e da preservação dos recursos naturais na Amazônia, que o conto de Rangel indiretamente evoca.

No desfecho da obra, nota-se que, ao viajar para a Síria, ele percebe que não deseja mais retornar definitivamente àquela região. A Amazônia já se tornou o seu novo lar. Ele quer construir um pedaço da paisagem sírio-libanesa na terra que o acolheu: ele trouxe consigo não apenas a memória, mas um pedaço físico da sua terra. O conto arremata a associação simbólica entre a árvore e o imigrante: “[...] onde existira a planta da terra dos Patriarchas, transferida para servir de vínculo entre o emigrado e a Pátria [...]” (Rangel, 1913, p. 296).

Jacob era um viajante que sabia que sua alma estava dividida entre duas forças: o amor à pátria distante e o apego ao lar onde residia atualmente. Assim sendo, o cedro do Líbano representava um elo entre ele e a sua pátria de origem. Jacob, mesmo longe, desejava manter uma conexão espiritual e emocional com sua pátria por meio da árvore.

Dessa forma, Candau (2016) descreve que a memória é sempre uma reconstrução atualizada do passado e no caso de Jacob essa reconstrução se materializa na árvore que remete à sua infância, à geografia e à cultura libanesa. Nesse contexto, a dificuldade de adaptação da planta ao clima amazônico reflete o próprio desafio do imigrante em manter vivas suas raízes

em um novo espaço. Nesse caso, a natureza é um espelho da condição humana: do mesmo modo que o cedro não resiste, Jacob também sofre com a impossibilidade de conciliar plenamente os dois mundos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No conto “O cedro do Líbano”, de Alberto Rangel, percebe-se que a memória, identidade e natureza se entrelaçam na trajetória do personagem Jacob. Tendo em vista o ambiente e o período em que a narrativa se passa, percebe-se que Jacob representa vivências históricas do povo sírio-libanês na Amazônia. A memória afetiva do personagem aparece como um mecanismo de resistência e de pertencimento. Ele estabelece um vínculo profundo com o cedro, símbolo da sua terra natal, representando a vivência do imigrante ao tentar conciliar suas raízes culturais com o novo ambiente. Esse cedro torna-se não apenas uma lembrança física da sua origem, mas também um elo espiritual e afetivo que o conecta ao passado, por meio da construção das lembranças e do pertencimento cultural.

É importante destacar ainda os rótulos que Jacob recebe no decorrer do contexto narrativo, sendo chamado de “judeu” e de “turco”, denominações essas usadas de maneira generalizada para se referir aos imigrantes vindos do Oriente Médio. Esses rótulos evidenciam como os imigrantes eram vistos na região amazônica.

O conto ainda enfatiza o fluxo migratório, destacando a presença sírio-libanesa na Amazônia e suas contribuições para a economia, sobretudo por meio do comércio, trabalhando como regatões. Sua trajetória como comerciante antes do casamento reflete uma realidade comum entre os imigrantes sírio-libaneses que, ao se estabelecerem na região, contribuíram com novas dinâmicas econômicas e impulsionaram o crescimento e o desenvolvimento da Amazônia. Ao mesmo tempo, a narrativa evidencia os desafios emocionais e culturais vividos por esses imigrantes que, como o personagem, tentava equilibrar a vida no novo espaço, tentando manter suas raízes culturais e seus costumes.

REFERÊNCIAS

BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: Formação social e cultural*. 3.ed. Manaus: Editora Valer, 2009. 546 p.

BENCHIMOL, Samuel. *Eretz Amazônia. Os judeus na Amazônia*. Manaus: Valer, 2008.

BOTELHO, Afonso; TEIXEIRA, Antônio Brás. *Filosofia da Saudade*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1986.

- CASTRO, António Borges. *Saudade (ensaio) - Etimologia (árabe)*. Significação; Antologia. Porto: Tipografia Nunes, 1985.
- CANDAU, Joel. *Memória e Identidade*. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2016.
- CONDE, Alessandra. Ismael e Isaque irmanados: os judeus nos romances de Milton Hatoum. *Revista de Estudos Orientais*, São Paulo, n. 9, p. 79-91, 2021. Disponível em: <https://revistas.usp.br/reo/article/view/188270>. Acesso em: 12 de setembro de 2025.
- ESTEVEVES, Antônio R. Inferno Verde. In: BERND, Zilá (Org.). *Dicionário de figuras e mitos literários das Américas*. Porto Alegre: Tomo Editorial; Ed. da UFRGS, 2007.
- FRANCO JUNIOR, Arnaldo. Operadores de leitura da narrativa. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (ORG.). *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3a. ed. Maríná: Eduem 2009. p.33-58.
- GARRARD, Greg. *Ecocrítica*. Trad. Vera Ribeiro. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.
- MACIEL, Maria Esther. *A memória das coisas: ensaios de literatura, cinema e artes plásticas*. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2004.
- NASCIMENTO, Evando. *O pensamento vegetal: a literatura e as plantas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.
- PIZARRO, Ana. *Amazônia: as vozes do rio: imaginário e modernização*. Trad. Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012.
- PORTO, Maria Bernadette V. Mascate. In: BERND, Zilá (Org.). *Dicionário de figuras e mitos literários das Américas*. Porto Alegre: Tomo Editorial; Ed. da UFRGS, 2007.
- RANGEL, Alberto. *Sombras n'água*. Vida e paisagens no Brasil equatorial. Leipzig: F. A. Brockhaus, 1913.
- SOUZA, Márcio. *História da Amazônia: Do período pré-colombiano aos desafios do século XXI*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2019.
- URIARTE, J. “Corpos, trabalho e meio ambiente na literatura de Alberto Rangel”. *Landa*, 2022. (p. 220-241). Disponível em: <https://revistalanda.ufsc.br/wp-content/uploads/2022/08/JAVIER-URIARTE-Template.pdf>. Acesso em: 08 de setembro de 2024.